



A memória pós-ditadura chilena na obra “O longo adeus a Pinochet” (2003) de Ariel Dorfman.

Fernanda Christina Marques Loiola¹

Neste ano de 2023, o golpe de Estado que instaurou a ditadura militar no Chile completa 50 anos. Em 11 de setembro de 1973, o presidente Salvador Allende se dirigia à nação pela última vez, por meio da Rádio Magalhães, para anunciar que o Chile estava sofrendo um golpe, e que a história julgaria os sujeitos envolvidos.² Mal sabia Allende que Augusto Pinochet, seu comandante-em-chefe do Exército, era um desses sujeitos, e que se tornaria o ditador do país por dezessete anos ininterruptos, repletos de corrupção, violência e repressão.

Mesmo após o fim da ditadura, por meio de um plebiscito onde a maioria da população chilena votou “Não” pela continuidade do governo, Pinochet conseguiu manter sua força política, através do seu cargo de senador vitalício. Cada vez mais, uma parte da sociedade chilena, que buscava justiça pelos crimes cometidos por Pinochet, considerava a promessa de Allende difícil de ser cumprida.

Eis que em 1998, em Londres, algo inesperado aconteceu: Augusto Pinochet foi preso, acusado de genocídio e crimes contra a humanidade pelo juiz espanhol Baltasar Garzón. No entanto, esse acontecimento imprevisível tornou-se um processo lento e angustiante. Se, por um lado, uma parte da sociedade chilena comemorava a possibilidade da justiça fazer Pinochet pagar pelos seus crimes, outra parcela torcia para que *don* Augusto conseguisse ter sucesso em suas tentativas de escape do âmbito jurídico, que culminaram em um processo que durou seis anos, com interrupções, até seu fim abrupto com a morte do ditador – sua última tentativa de fuga – em dezembro de 2006.

São os primeiros três anos dessa odisséia que Ariel Dorfman relata em seu livro “O longo adeus a Pinochet”. Lançado em 2003, no Brasil, pela editora Companhia das Letras, a obra, além de acompanhar o processo, também resgata memórias e compartilha diversas histórias sobre o período ditatorial. O texto busca construir uma análise sobre as diferentes memórias representadas na obra de Dorfman e sua importância e presença no contexto pós-ditatorial chileno durante o julgamento de Pinochet.

É necessário, no entanto, compreender as nuances e possibilidades dessa ligação entre a memória e o campo histórico e o literário. Para Paolo Rossi (2010), a memória, conhecida como Mnemósine na mitologia grega, é entendida como persistência, ao passo que a reminiscência pode ser compreendida como “a capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido”.³ Essas dinâmicas entre o que persiste, o que foi esquecido e o que foi lembrado, são comuns em diferentes momentos de inquietações, crises e momentos de paz. No entanto, cada um desses momentos evoca diferentes necessidades.

De acordo com a socióloga argentina Elizabeth Jelin (2002), em conjunto com estudos de Pollak (1992), nos momentos de crise surgem diferentes memórias e diversas

¹ Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

² Muñoz, 2010, p.17.

³ ROSSI, 2010, p.15.



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

narrativas são construídas, anteriormente impossibilitadas de aparecer por terem sido vítimas do medo ou do esquecimento. Além disso, essas memórias e narrativas, nesses períodos de crises internas, auxiliam em novas interpretações e questionamentos da identidade pessoal e coletiva da sociedade. Ou seja, a partir dessas dinâmicas, há a possibilidade de construir mais questionamentos e redefinições sobre a identidade de um grupo. Assim é notado no livro “O longo adeus a Pinochet”, de Ariel Dorfman, que os chilenos reavivaram diferentes memórias guardadas pelo medo quando souberam da prisão improvável de Pinochet.

Faz-se necessário, antes de analisar as motivações por trás do livro, saber quem é aquele que o escreve: o sujeito autor. Para Foucault, de acordo com Chartier (1999), é possível entender o autor como um indivíduo social suscetível à análise sócio-histórica. Além disso, a categoria função-autor evidencia a constituição do autor através do texto, em uma posição externa e antecedente ao que é escrito. Portanto, é preciso ter precaução em não esperar, daquele que constrói uma narrativa, algo repleto de verdades factíveis. Nas narrativas e representações construídas pelo autor, é preciso ler suas sensibilidades e motivações, como é o caso de Ariel Dorfman e sua longa despedida ao ditador chileno.

Nascido na Argentina, se mudou com sua família, ainda quando criança, para o Chile. No governo de Salvador Allende, trabalhou como assessor de Fernando Flores, ministro secretário-geral do Governo que seria derrubado para a ditadura ser instaurada. Com o golpe, Dorfman se exilou nos Estados Unidos, e não pensava em voltar para o Chile, até saber da prisão de Pinochet.

O autor de ficção, peças teatrais, romancista, professor universitário e ativista pelos direitos humanos, lançou a edição do livro no Brasil em 2003, pela editora Companhia das Letras. A obra, que contém 198 páginas, é dividida em cinco principais partes: Razões para uma dedicatória incompleta; Prólogo; A sombra do Chile; O longo adeus aos tiranos; e Algumas palavras finais disfarçadas de agradecimento.

Em seu título original *Más allá del miedo: el largo adiós a Pinochet*, há a importante expressão “Para além do medo”, que não foi conservada para o título traduzido na edição brasileira. É possível pensar que tal frase expressa justamente o que ocorria para uma grande parcela da população chilena, a decisão de permanecer em silêncio para não compartilhar memórias e histórias sobre a ditadura por conta do medo vivido e propagado durante os tempos ditatoriais de repressão. No entanto, com a prisão de Augusto Pinochet, uma flama de esperança surgiu no que concerne à transmissão e evocação de memórias anteriormente guardadas. Ultrapassando esse temor, seria, finalmente, o momento do Chile dizer adeus a Pinochet depois de tanto tempo?

Na primeira parte, Dorfman inicia uma discussão sobre o que é ser vítima em um contexto ditatorial. Para isso, cita o Muro da Memória, uma construção no Cemitério Geral de Santiago, que tem mais de quatro mil nomes de vítimas da ditadura, porém não constam as datas de falecimento, já que não se sabe quando essas mortes aconteceram. Além disso, há uma parte vazia no muro, propositalmente, para incitar a reflexão sobre as vítimas desaparecidas, e para dar espaço para aquelas que surgiram após o fim da ditadura. No entanto, o autor reflete sobre o fato de que as pessoas que sobreviveram às ações de violência, perseguição, tortura, repressão, exílio e diversos outros tipos de atentados contra a humanidade, também não são vítimas da ditadura. Essas também não deveriam ter seus nomes no Muro da Memória? Assim como sua dedicatória, o autor descreve que o Muro também permanecerá incompleto.



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

Dorfman ainda evidencia que, neste período de redemocratização, muitas pessoas não se sentiam completamente seguras para compartilhar suas memórias e histórias de outras vítimas do período. Ao longo do livro percebemos que muitos ainda demorarão a compartilhar pois o medo de um retorno para a ditadura era bastante presente dada a onipresença de Pinochet. Dorfman pensa isso como algo paradoxal, pois embora tenham retornado à democracia, a anistia estabelecida pelo próprio Pinochet, seu cargo vitalício, e sua Constituição deixam a realização de um julgamento muito improvável. E isso segundo Dorfman:

“Não é mera suposição. Há poucos anos, quando conversei com uma numerosa família de mapuches num povoado rural perdido na pré-cordilheira a leste de Temuco, no sul do Chile, a matriarca me garantiu que de modo algum revelaria os nomes de seus parentes assassinados durante a ditadura. ‘Os soldados’, disse-me, ‘vão voltar um dia. Os soldados vão se vingar, pode ter certeza.’ (DORFMAN, 2003, p.8)

Um prólogo do livro, na teoria, deveria ser uma parte mais breve, explicativa e introdutória. Mas o Prólogo deste livro contém 170 páginas, e é onde Dorfman relata e compartilha diversas memórias pessoais e de outras pessoas sobre a ditadura, aliando-se com diferentes fontes, desde jornais a livros e testemunhos, enquanto também narra o desenrolar do processo judicial de Pinochet.

Dorfman cita, por exemplo, o Estádio Nacional e a sua utilização para funcionar como um campo de concentração para presos políticos, como o cantor Victor Jara. Mesmo após a reabertura do estádio para jogos de futebol, ele se recusava a colocar os pés novamente naquele pedaço do Chile que alega terem roubado dele e que, por isso, não poderia continuar considerando seu. É possível, através desse testemunho e representação, refletir sobre a relação entre lugares e memória, como explica Pierre Nora (1993, p.27), ao dizer que “o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.”

Além disso, Dorfman também compartilha mais análises e testemunhos para refletirmos sobre a pluralidade no caráter social da memória, pois a memória de uma população a respeito de determinado período ou movimento não é homogênea, e isso é notado no livro quando o autor descreve o país como um abismo entre “a multidão dançante e multicolorida dos jovens universitários que respiram a vida como se fossem imortais e a dor intolerável das mulheres que não estão dispostas a esquecer, um abismo cavado pela própria memória.”⁴

Em seguida, Dorfman comenta que uma mulher reagiu à passeata dos jovens gritando insultos como “Comunistas de merda! Mentirosos! Deveríamos ter matado todos vocês!”. Dorfman entendia que para esta mulher, Pinochet é a “âncora de sua identidade”, de forma que ela não deixaria que ele fosse julgado e preso. Além disso, reflete que “o futuro do país não pode ser construído com essa mulher. E, no entanto, não se pode imaginar e montar esse futuro sem ela.” (2003, p.60). Não à toa, essa ligação entre presente, passado,

⁴ DORFMAN, 2003, p.59.



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

futuro e a História é bem explicada em Le Goff (1990, p.19), indicando que “o passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história.”

Somando-se a isso, podemos notar um confronto entre gerações no contexto pós-ditatorial, como é possível ver na seguinte passagem de Dorfman: “(...) começamos a conversar com um grupo de alunos, meninos e meninas de oito a dez anos que, para nosso espanto, não sabiam o significado da palavra ditadura. ‘Como não conhecem essa palavra?’”.

Em seguida, a professora justificou ao autor que se ensinasse sobre a palavra, provavelmente os pais, embora muitos fossem opositores de Pinochet, “riscariam o caderno com um lápis grosso, protestaram porque na escola estão ensinando política a seus filhos.”⁵ São memórias da ditadura que os pais não querem repassar para seus filhos como forma de proteção.

É perceptível, dessa forma, que mesmo com a urgência na preservação do passado, algumas pessoas preferem esquecer, não recordar para evitar feridas ainda não curadas. Apesar disso, conforme Rossi (2010), é o esquecimento que estimula a memória e o retorno ao esquecido.

No que diz respeito à questão identitária, Dorfman levanta uma discussão a respeito daqueles que nunca voltaram ao Chile, como o caso de exilados, e dos filhos das vítimas assassinadas durante a ditadura. Dorfman (2003, p.41) acredita que ambos estão redescobrendo “uma identidade chilena corroída pelo tempo e pela distância”, e isso levanta a reflexão sobre uma identidade coletiva chilena a respeito desse período e, no que concerne Jelin, é necessário ter atenção a este conjunto de processos pois:

sólo como parte de un proceso activo y dinámico de reinterpretación permanente puede la incorporación del recuerdo y de las memorias de acontecimientos históricos resultar significativa en la construcción de una nueva cultura y una nueva identidad colectiva (JELIN, 2017, p.116).

No livro, ao acompanhar essa jornada da prisão de Pinochet, que terminou em sua impunidade, devido ao seu estado frágil de saúde, que foi algo construído pela defesa de Pinochet, Dorfman compartilha um conjunto de diferentes memórias sobre a ditadura e a persona do ditador. Desde suas memórias, em relação ao seu exílio, seus medos, sua sensação de culpa, sua recusa a voltar para o país que parece ter sido roubado por *don* Augusto dos chilenos (e, literalmente, cabe destacar que a família de Pinochet foi denunciada por escândalos de corrupção com drogas), as memórias evocadas por lugares, e vítimas, em diferentes níveis, assassinadas, filhos e parceiros de desaparecidos, até aqueles que se beneficiaram do período.

Todo esse conjunto memorialístico, presente nessa obra literária, que conta com uma contextualização histórica e apoiada, também, além de testemunhos em pesquisas a documentos históricos, formam um apanhado de questões sobre as possibilidades que a história pode encontrar nas discussões sobre memórias atreladas ao campo literário, um veículo cultural da memória como destaca Elizabeth Jelin (2017). Ademais, essas

⁵ DORFMAN, 2003, p.68.



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

possibilidades devem dar importância ao teor historiográfico, na intenção de compreender de qual momento o autor escreve, o porquê escreve, como e para quê. Além disso, os epílogos e agradecimentos engrandecem essa aliança entre história, memória e literatura, refletindo sobre a importância da memória e do processo de Pinochet para a justiça contra outros ditadores e a necessidade da aliança de fontes para a construção de narrativas memorialísticas.

A obra de Dorfman, dessa maneira, é uma ótima indicação para refletir sobre essa função da História na ligação com o passado e presente e sua aliança com a memória e a literatura. Tendo em vista que, atualmente, o Chile atravessa processos políticos, como sua última eleição e a atual constituinte, que reavivam o contexto ditatorial, em uma vontade de não repetir o que passou, mas não esquecer o passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, P. D. V. R. História e Literatura: Algumas Considerações. *rth* |, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 10 set. 2022.
- BLOCH, Marc. Apologia da História. Brasil, Jorge Zahar Editor, 2001.
- CARDOSO, Ciro F. Uma introdução à História. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CATTAI, Júlio Barnez Pignata. O sonho de Julius e Ethel Rosenberg: antissemitismo, opinião pública e a US Information Agency. *Esboços: histórias em contextos globais*, v. 24, n. 38, p. 470-487, 2017.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa. DIFEL. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 1990.
- _____. Literatura e história. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 1, p. 197-216, 2000.
- DORFMAN, Ariel. O longo adeus a Pinochet. Tradução: Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. *Revista Morpheus- Estudos Interdisciplinares em Memória Social*, v. 7, n. 13, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Laurent León Shaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- JELIN, Elizabeth. Los trabajos de la memoria. Madri: Siglo XXI de España Editores S.A, 2002.
- _____. La lucha por el pasado: Cómo construimos la memoria social.- 1ª ed.- Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. 2.ed.Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- _____. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, Jacques. História: novos objetos. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1976.
- _____. Heróis e maravilhas da Idade Média. Tradução de Stephania Matousek. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Khoury. São Paulo: PUC, 1985.
- MUÑOZ, Heraldo. A sombra do ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil: (séculos XIX e XX). *Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História*. Porto Alegre, RS. N. 4 (dez. 1995), p. 115-127, 1995.



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

- _____. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. Revista História da Educação, v. 7, n. 14, p. 31-45, 2003.
- PINSKY, Carla B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.
- POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.
- RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.
- ROSSI, Paolo. O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias. editora UNESP, 2010.
- SIMÕES, Sílvia Sônia. O golpe de estado e a primeira fase da ditadura civil-militar no Chile. Espaço Plural, v. 13, n. 27, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4459/445944369014.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.
- UGARTE, Augusto Pinochet. El día decisivo, 11 de septiembre de 1973. Editorial Andrés Bello, 1979.
- VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História cultural. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (orgs). Domínios da História. 7 ed. Rio de Janeiro. CAMPUS, 1997.
- VIEIRA, Itala Maduell. A memória em Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak. Encontro Regional Sudeste de História oral: dimensões do público; comunidades de sentido e narrativas políticas, v. 11, 2015.
- WINN, Peter. A Revolução Chilena. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Exemplo de como citar: LOIOLA, Fernanda Christina Marques. **A memória pós-ditadura chilena na obra “O longo adeus a Pinochet” (2003) de Ariel Dorfman.** 2023. Disponível em: <https://www.lppe.uerj.br/emmemoriadaamericatina>. Acesso em: 09 dez. 2023.